

ACOLHER O CONVITE PARA REPOUSAR EM DEUS

Quaresma 2023 – A oração, caminho para viver a nossa vocação filial

A oração é essencial à vida cristã, não apenas porque é onde se regressa à fonte, mas, mais fundamentalmente, porque a relação pessoal com Deus exprime a nossa vocação a tornarmo-nos filhos de Deus. O nosso Pai não nos pede que sejamos antes de mais nada servos, mas seus filhos adotivos. Enquanto filhos, a nossa alegria é fazer a vontade do Pai e partilhar a sua intimidade. No seu desígnio de amor criador, Deus nosso Pai escolheu-nos para nos tornarmos filhos adotivos por Jesus Cristo (cf. Ef 1, 3-14). A oração, com a sua busca de comunhão espiritual entre o crente e o Senhor, aparece, pois, como um lugar onde se realiza a nossa vocação filial que é, **com Jesus, estarmos voltados para o Pai para receber o Espírito Santo.**

“Vinde, retiremo-nos para um lugar deserto e descansai um pouco.” (Mc 6,31)

Realizando a nossa vocação filial fundamental, encontramos paz e unidade interior, um verdadeiro repouso para o nosso espírito. É aliás uma das promessas que Jesus nos faz, se nos tornarmos seus discípulos: «Vinde a Mim todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei de aliviar-vos. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de Mim porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para o vosso espírito.» (Mt 11,28-29) **Este critério do repouso na vida espiritual é um dos elementos que distinguem a nossa vocação de filhos adotivos do Pai, da do simples servo.** O tema do repouso é recorrente na Bíblia e este repouso não é de negligenciar, sendo ao mesmo tempo meta e também critério para guiar a nossa vida de oração.

O apelo bíblico ao repouso

A Bíblia não ignora o repouso como estado que permite a comunhão com Deus. Consideremos a instituição do Shabbat: no sétimo dia o Senhor repousou da sua obra e convidou os homens a celebrar a aliança através deste dia de repouso. Nos Evangelhos Jesus opõe-se a uma excessiva sacralização do Shabbat, mas não milita pela sua supressão. A preservação de um dia de descanso para a celebração da nossa fé continua a fazer sentido hoje: **o repouso voluntário significa que o homem não é um escravo do seu trabalho, que a sua dignidade não se reduz à atividade que exerce.** Noutras passagens da Bíblia o repouso de Deus e em Deus é mesmo sinónimo da salvação e da esperança do povo judeu, nomeadamente no Salmo 94 onde o Senhor ameaça o povo infiel: «Não entrarão no meu repouso». Escutemos o comentário que a este respeito faz a epístola aos Hebreus: «Por isso, como diz o Espírito Santo: hoje, se escutardes a sua voz, não endureçais os vossos corações,

como no tempo da revolta, no dia da tentação no deserto, quando os vossos pais me tentaram, pon-do-Me à prova depois de verem as minhas obras, durante quarenta anos. Por isso me indignei contra esta geração (...) Assim, jurei na minha ira: 'Não entrarão no meu repouso.'» E mais adiante: «Tema-mos, pois, que, permanecendo a promessa de entrar no seu repouso, algum de vós seja considerado excluído.(...) Quanto a nós, os que acreditámos, entraremos no descanso, como Ele disse: Tal como jurei na minha ira, não entrarão no meu repouso. No entanto, as suas obras estavam realizadas desde a fundação do mundo, pois diz-se em qualquer parte, a propósito do sétimo dia: Deus repousou no sétimo dia de todas as suas obras; (...) Ele fixa de novo um dia, hoje(...). Por conseguinte, permanece um repouso sabático para o povo de Deus. O que entra no seu repouso, repousa também das suas obras, tal como Deus repousou das suas. Apressememo-nos, então, a entrar nesse repouso» (He 3,7-4,11).

Trata-se, pois, para o crente de entrar no repouso de Deus, como lugar das promessas de salvação; e se se trata de entrar num repouso, isso dá-nos um indício para guiar a nossa vida espiritual: primeiro que tudo ela não nos deve cansar, ou melhor, deveria regenerar-nos a tal ponto que «mesmo se em nós o homem exterior vai caminhando para a ruína, o homem interior renova-se dia após dia» (2Co 4,16). Temos consciência de que pela fé, apesar da fadiga e do peso dos anos, somos, de certa forma, mais jovens, mais fortes, mais dinâmicos espiritualmente?

Só Deus preenche o nosso desejo profundo

*A oração e a vida de fé em geral também são lugares de repouso porque esta atração entre a criatura e o seu Criador corresponde à nossa natureza humana. O desejo fundamental do homem é amar e ser amado. Ora **só Deus que é amor cumpre perfeitamente o desejo do homem.** Escutemos São João da Cruz no seu Cântico Espiritual (CA 10/CB 11):*

*Mostra a tua presença,
Matem-me tua vista e formosura;
Pois olha que a doença
De amor, jamais se cura,
Senão com a presença e a figura.*

E João da Cruz comenta: «A razão desta doença de amor não se curar senão com a presença e a figura do Amado, como aqui diz, é porque a doença de amor, sendo diferente das outras doenças, diferente também é a sua medicina. (...) o amor só se cura com coisas conformes ao amor. A razão é a seguinte: O amor de Deus é a saúde da alma. Quando não tem um perfeito amor, também não tem uma saúde perfeita; por isso, está doente. (...) À medida que o amor for aumentando, mais saúde terá.»

Do ponto de vista espiritual a nossa saúde perfeita é o perfeito Amor que se encontra, pois, na comunhão íntima com o Senhor, e só nesta comunhão realizada encontramos o repouso, a meta da nossa busca espiritual. De certa forma, espiritualmente haverá sempre uma insatisfação na nossa busca; em tudo o que fazemos apercebemo-nos de uma carência que nos faz desejar mais alguma coisa. Avançando na vida de oração, descobriremos a verdade do que diz São João da Cruz: **só Deus**



preenche o nosso desejo profundo. Por vezes nesta vida são-nos dadas primícias deste repouso prometido. Nesta nossa vida de fé sobre a terra, em certos momentos, saboreamos uma quietude, uma paz que gostaríamos que se prolongassem. É então que o repouso a que chamamos ‘quietude’ em teologia espiritual, se torna um critério para a vida espiritual. .

A oração do coração

Este critério do repouso como sinal positivo para a vida espiritual é absolutamente tradicional: por exemplo toda uma tradição oriental se desenvolveu a partir do século IV à volta desta busca de uma oração agradável a que chamamos hesicismo, da palavra grega *hêsychia* que quer justamente dizer repouso. Os monges hesicastas praticavam a oração incessante a fim de alcançar a união com Deus. A forma de oração mais popular era a oração de Jesus, também chamada a oração do coração, habitualmente composta pelas seguintes palavras: *«Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, tem piedade de mim, pecador!»* Os hesicastas repetiam-na continuamente, ajustando a respiração ao ritmo da oração. Esperavam, através deste método, recolher-se espiritualmente no nome de Deus e assim poder dizer como o salmista: *«Estou sossegado e tranquilo como criança ao colo da mãe»* (Sl 131).

Na escola de Santa Teresa de Jesus

Na tradição carmelita, Santa Teresa de Jesus (de Ávila) compara os nossos esforços neste trabalho de recolhimento na oração à irrigação dum jardim. No capítulo XI, 7 da sua autobiografia (Livro da Vida), ela diz-nos que **há quatro maneiras de regar o nosso jardim que ilustram os diferentes graus de recolhimento na oração.** Primeiro é necessário ir buscar água à fonte e regarmos nós próprios as plantas; num segundo momento, podemos construir um sistema mecânico com uma nora, conta-nos ela. A seguir, através de um trabalho de ‘canalização’, podemos levar a água de um rio ou ribeiro: *«Rega se muito melhor, a terra fica mais empapada de água, não é preciso regar tantas vezes, o hortelão tem muito menos trabalho; a quarta [forma], a muita chuva com que o Senhor o rega sem trabalho algum da nossa parte é incomparavelmente muito melhor do que tudo quanto ficou dito.»* Assim, quanto mais entrarmos na oração contemplativa menos difícil é o exercício de recolhimento, e mais fruto dá. A fadiga e o esforço não são, pois, sinais de uma oração frutuosa, porque esta provém do esforço do lado humano: testemunham o nosso empenho, o que é já muito importante, mas não é obra de Deus em nós. O repouso e a quietude pelo contrário testemunham a obra de Deus, a sua presença atuante, porque esta presença preenche o nosso desejo e nela encontramos uma paz e uma alegria profundas: é o repouso em Deus que anuncia a eternidade.

A imagem de Santa Teresa mostra que caminhamos na direção da ‘facilidade’. **Desejar um certo repouso é desejar que o Senhor faça Ele próprio a obra que nós não podemos fazer, a comunhão profunda com Ele,** e desejar que Ele nos dê aquilo que só Ele nos pode dar: a sua graça. Duma certa maneira esperamos que, tal como a chuva, nos caia do céu! Claro, antes de cair a chuva o jardineiro vai procurar água de uma ou de outra forma, mas o que ele de facto espera é que chova. Assim, precisamos de encontrar **um método de recolhimento que nos permita chegar a esta facilidade que é o acolhimento da graça** para que se realize a promessa de Jesus no Evangelho da Samaritana: *«Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!»* (cf. Jo 4,10.14).



Por isso o **melhor método de oração não é aquele que permite preencher o tempo todo sem nos aborrecermos demais**, mas aquele que permita estar lá quando o Senhor passar. Não se trata de multiplicar ocupações durante a oração para mobilar o vazio. Os métodos que nos convém usar na oração, estão ao serviço da nossa capacidade de acolher a graça. Os métodos utilizados por si só, tal como as nossas preocupações, podem tornar-se obstáculos à comunhão com Deus: ao estar demasiado atentos ao que podemos fazer, corremos o risco de nos esquecermos de acolher o que se passa na profundidade. Os nossos esforços não criam comunhão com Deus, que é um dom gratuito; é necessário, antes, desembaraçarmo-nos do que nos impede de acolher o dom. Seria pena que, estando demasiado apegados aos meios, aumentássemos as dificuldades aos obstáculos naturais.

O discernimento do repouso

Queria terminar sublinhando a importância de compreender bem os tempos de repouso e de quietude que nos são dados. Se os procurarmos não será acima de tudo para nosso gosto, mas porque são momentos em que o Senhor nos dá particularmente a sua graça. **O recolhimento pacífico é a fronteira subtil na nossa vida de oração entre a meditação e a contemplação(1)**, entre o que é obra da nossa responsabilidade e o que é obra do Espírito Santo em nós. Há apenas uma ligeira distinção entre o recolhimento e a quietude, que é a primeira graça sensível no caminho da união com Deus. Quando estamos apazivelmente em oração, sem agitação interior, quer dizer, desportos na fé na presença do Senhor, fizemos a nossa parte do trabalho. Quando trabalhamos para alcançar o recolhimento, tentamos tornar-nos uma terra acolhedora para que a Palavra de Deus a venha fecundar.

Ao lado do repouso voluntário que é o recolhimento, vimos que o repouso em Deus é uma expressão da nossa comunhão espiritual com o Senhor, porque, enquanto Ele preenche o nosso desejo fundamental de amar e ser amados, dá-nos a paz profunda de quem realiza plenamente a sua vocação. O Amor de Deus é a saúde da alma. É necessário, pois, que acolhamos a quietude como primícias e antecipação dos bens que hão de vir. Temos de avaliar positivamente a paz e o repouso na nossa vida de oração: procuramos por vezes o fantástico, e **rapidamente nos qualificamos como não contemplativos, porque não tivemos revelações nem êxtases**. Ora, temos no estado de quietude os primeiros frutos da vida mística e o essencial do que o Senhor nos quer dar.

Pistas para a minha própria meditação

- Já experimentei, na minha oração, e mais genericamente na minha vida cristã, esta graça do repouso e da paz como sinal da presença de Deus?
- Consigo, durante o tempo de oração, criar um espaço interior de disponibilidade, de acolhimento para Deus?
- Ou sou mais propenso a procurar manter-me ocupado, preencher o tempo com a minha própria atividade?

(1). Segundo o vocabulário carmelita, visto que a noção de contemplação pode ser diferente na tradição espiritual.

Fr. Antoine-Marie Leduc,
ocd (convento d'Avon)



Segunda-feira, 13 de março: Acolher Jesus

«Veio para o que era seu e os seus não O receberam» (Jo 1,11-12a)

«Cristo é tudo. Um cristão é alguém que viu Cristo. Há poucos cristãos porque poucas almas viram Cristo.» (P. Jacques de Jésus)

Dá-me esta experiência de Te 'ver' no estrangeiro, no migrante, no que é diferente. Peço a bênção de Deus sobre todos aqueles que encontrar.



Terça-feira, 14 de março: Perdoar 70 x 7

Amai-vos uns aos outros» (Jo 15,12)

«Para vos amar como Vós me amais, preciso de me servir do vosso próprio amor, só então encontro repouso.» (Santa Teresinha do Menino Jesus, Manuscrito C, 35r)

Sorrio, dirijo uma palavra amiga... a uma pessoa que normalmente evito.



Quarta-feira, 15 de março: O Perfeito Amor

O amor não faz mal ao próximo. Assim, é no amor que está o pleno cumprimento da Lei. (Rm 13,10)

O meu caminho é todo confiança e amor. (...) Vejo que basta reconhecer o próprio nada e abandonar-se como uma criança nos braços de Deus. (Santa Teresa do Menino Jesus, Carta 226)

Peço a Jesus a ciência do Amor para «O amar e fazer com que O amem.»



Quinta-feira, 16 de março: A alegria com Jesus

«Pai, quero que onde Eu estiver estejam também comigo aqueles que Tu Me confiaste, para que contemplem a minha glória, a glória que Me deste por Me teres amado antes da criação do mundo.» (Jo 17,24)

«Alegra-te, minha alma, porque há quem ame ao teu Deus como Ele merece (...) Dá-Lhe graças porque nos deu na terra quem assim O conhece, como seu Filho único que é.» (Santa Teresa de Jesus, Exclamações da Alma a Deus, VII,3)

Jesus, Emanuel, que alegria estar contigo e ser artesão da paz e da unidade!

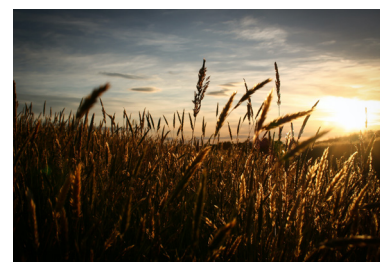


Sexta-feira, 17 de março: Abandonar-se ao Amor

«Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças. O segundo é este: Amarás o teu próximo como a ti mesmo.» (Mc 12,30-31a)

«Amar é tão simples, é entregar-se a todas as suas vontades como Ele se entregou às do Pai; é permanecer n'Ele pois o coração que ama já não vive mais em si, mas naquele que constitui o objeto do seu amor.» (Santa Isabel da Trindade, Carta 288)

Estar ali, estabelecido na sua paz, para Ele e para o mundo.



Sábado, 18 de março: Humilhar-se para ser exaltado

«Se alguém julga ser alguma coisa, nada sendo, engana-se a si mesmo.» (Gl 6,3)

«Tenho de suportar-me tal como sou, com todas as minhas imperfeições (...) O ascensor que me há de elevar até ao Céu, são os Vossos braços, ó Jesus!»

(Santa Teresa do Menino Jesus, Manuscrito C 2v,3r)

Hoje procuro fazer um ato de humildade.

